

*GTT 2 – Educação Física, Comunicação e Mídia – comunicação oral*

**CATARINENSES OLÍMPICOS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL:  
a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004<sup>1</sup>**

*Giovani De Lorenzi Pires* - Prof. do DEF/CDS/UFSC. Coordenador do LaboMídia/UFSC

*Antonio Galdino Costa* - Prof. do CEFETSC-São José. Mestre em Educação Física/UFSC

*Cássia Hack* - Profa. da rede pública em Cáceres/MT. Mestre em Educação Física/UFSC

*Cristiano Mezzaroba* – Prof. de Ed. Física; Mestrando PPG-EF /UFSC – Bols. CAPES

*Diego Mendes* – Prof. de Educação Física; Mestrando PPG-EF/UFSC

*Fernando G. Bitencourt* - Prof. do CEFETSC-São José; Ddo. PPG/Antrop. Social/UFSC

*Huáscar Sidorak Castro* – Acad. de Ed. Física/UFSC; estagiário LaboMídia/ CDS/UFSC

*Iracema Munarim* - Profa. de Ed. Física; Mestranda do PPG/Educação/UFSC

*Mariana M. Lisboa* – Profa. da rede pública em Fpolis/SC; Mestranda PPG-EF/UFSC

*Mellyssa da Costa Mól* - Jornalista e Professora de Educação Física

*Scheila Espíndola Antunes* – Profa. de Ed. Física; Mestranda do PPG-EF/UFSC

*Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro* - Prof. do DEF/UFSC. Mestre em Educação Física/UFSC

**RESUMO:** *este texto relata pesquisa coletiva desenvolvida pelo Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva, ligado ao NEPEF/CDS/UFSC, cujo objetivo foi examinar como a relação global-local se expressa na mídia diante de um grande evento esportivo. O objeto de estudo foi a cobertura jornalística da mídia impressa de Santa Catarina nos Jogos Olímpicos de Atenas/2004, focando especialmente os atletas olímpicos catarinenses e, dentre estes, os mais referidos. A análise permite concluir, entre outros aspectos, que embora o espaço destinado aos catarinenses seja pequeno em relação ao total da cobertura, os atletas mais referidos ocupam a expressiva maioria deste espaço.*

*Palavras-chave: jogos olímpicos; mídia impressa; global-local.*

## **I. INTRODUÇÃO**

Uma questão que interpela o mundo em rede, da infotelecomunicação, é o confronto local-global. As novas tecnologias de informação promovem a sua compressão, dando a sensação de vivermos numa realidade espaço-temporal única, o que nos torna concidadãos-globais. Todavia, será que essa nova realidade pode dispensar os símbolos culturais localmente identificados/significados, quando se procede a socialização de fenômenos globais?

Parece haver, nas ciências sociais, um entendimento comum que admite a coexistência do global e do local, por meio de relações dialeticamente estabelecidas, que ajudam a construir identidades culturais híbridas, a um só tempo, cosmopolita e local.

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir da pesquisa coletiva “As Olimpíadas e a Dialética Global-Local: os atletas olímpicos catarinenses em Atenas/2004 na mídia impressa regional”, desenvolvida pelo Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva (NEPEF/CDS/UFSC), com apoio do Programa FUNPESQUISA/UFSC. Versões preliminares e parciais da pesquisa foram publicadas na revista *Pensar a Prática* (BITENCOURT *et al.*, 2005) e na 58ª Reunião Anual da SBPC, em Florianópolis/SC – 2005 (PIRES, 2006 *et al.*; CASTRO *et al.*, 2006).

Esta questão é crucial para campos da dinâmica social em que a comunicação é determinante, porque envolve possibilidades subjetivas de percepção e formulação de significados sobre informações veiculadas em escala global. Disso dependem, por exemplo, os padrões de consumo dos produtos culturais mundializados, oferecidos como mercadorias. Grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos, são produzidos e disponibilizados pela mídia em esfera global, mas são consumidos, isto é, apropriados e significados, no âmbito local, envolvendo elementos culturais próprios.

Por exemplo, em 2004, nos Jogos Olímpicos de Atenas, 15 mil jornalistas de todo o mundo levaram o evento, global, aos seus públicos locais, utilizando-se de símbolos culturais por ele identificáveis. Um paradoxo que estimula a imaginação, inquieta e nos faz refletir sobre as características que marcam este evento. Ele pode ser pensado sob um prisma inicial que liga o tempo ao espaço, a narrativa à ação, do mito ao ritual.

A globalização – como corolário da Modernidade – pode ser, em um sentido específico, entendida como um processo de aceleração do tempo e o conseqüente encolhimento do espaço em virtude desta aceleração, devido a velocidade de deslocamento propiciada pelos meios de transporte e informações, em linhas gerais, fruto do aperfeiçoamento da tecnociência. Decorrente desta aceleração, uma série de desarticulações parecem atingir as subjetividades, que tem levado à fragmentação do sujeito e ao esgarçamento do tecido social, resultando numa certa esquizofrenia e na perda de sentido. Entretanto, as pessoas dizem parar para ver as olimpíadas. Como é possível parar? Em que sentido isto se dá, na medida em que a velocidade aumenta?

Por outro lado, se há um encolhimento do espaço em relação ao tempo, vimos no tempo Olímpico o espaço se expandir ao máximo. Atenas alcançou o globo. Um pequeno lugar alargou-se na escala planetária e imiscuiu-se nos recantos mais distantes, onde houvesse uma antena, um rádio, uma televisão, um computador ligado à internet. Todos estivemos em Atenas, ou melhor, Atenas estava em nós, sob muitos ângulos, diversas perspectivas, inúmeras narrativas. Como Atenas pôde passar a fazer algum sentido em termos de lugar para nós?

Nestes termos, a pesquisa aqui relatada teve como objetivo articular uma análise macrosociológica do processo jornalístico relativo à cobertura do evento olímpico, visando compreender como a mídia inclui o local no universal, através de estratégias discursivas que relacionam o evento de ordem global ao local e ao mais íntimo do indivíduo, sua subjetividade.

Nessa dialética entre o universal e o local mediada pelos meios de comunicação de massa, interessava-nos, portanto, perceber como o evento de natureza global é narrado na mídia, no que se refere às referências locais, isto é, os atletas catarinenses que participaram dele.

Algumas questões referentes a essa temática, pensadas a partir da pesquisa coletiva *As Olimpíadas e a Dialética Global-Local: os atletas olímpicos catarinenses em Atenas/2004 na mídia impressa regional*, impõem-se: i) como a mídia impressa catarinense “narrou” os Jogos de Atenas para os seus leitores? ii) como os atletas catarinenses participantes dos Jogos serviram de mediação cultural identificatória para a mídia “falar” deste evento global ao local?

É nestes termos que a mídia de circulação local vai buscar no contexto amplo dos jogos e, em seus inúmeros atletas, aqueles que mais se identificam com o local do qual a mídia fala, e dentre estes, os que têm maiores expectativas de bons resultados.

Os meios de comunicação, ao criarem a associação afetiva e imaginária de estarmos lá, competindo, através de conterrâneos, próximos ou distantes, deixam os sujeitos e as sociedades locais em conexão com o discurso universal amalgamado no universo

simbólico/ritual dos Jogos Olímpicos e, ao mesmo tempo, difundem e colaboram para inculcar os mitos que este ritual reforça, produzindo, na trama de significados que é gerada no processo cultural, esta identificação com o universal, com os Jogos e com seus efeitos.

Os meios de comunicação de massa são porta-vozes desta ilusão ritual-virtual, ou colaboram na reinterpretação e na construção de novos mitos, já que não é mais possível viver sem o poder de penetração da mídia no tecido social.

De nossa parte, entendemos que estratégias de recepção crítica precisam ser formuladas para que os cidadãos sob a responsabilidade pedagógica do professor de Educação Física possam perceber e compreender esse processo para com ele continuar se relacionando, se desejarem, porém em outro patamar de esclarecimento. Tarefa essa que precisa ser desenvolvida no âmbito da educação para a mídia, como estratégia da formação inicial e continuada dos professores da área, na qual se insere o presente estudo.

### **Os Procedimentos e o Percorso Metodológico**

Assim, nossa referência para entendimento deste processo foram os dezenove atletas olímpicos catarinenses que participaram dos Jogos de Atenas/2004. Como caminhos desta narrativa, escolhemos a mídia impressa, representada por dois dos principais jornais diários de circulação estadual em Santa Catarina: o *Diário Catarinense* (DC), editado em Florianópolis, e o *A Notícia* (AN), de Joinville.

O período de observação para análise da mídia correspondeu ao mês de agosto de 2004, mês em que aconteceu o evento. O *corpus* de observação constituiu-se, portanto, de 58 edições diárias dos dois jornais, sendo que todo este material foi recolhido, analisado e encontra-se arquivado no LaboMídia/CDS/UFSC.

O primeiro procedimento foi a leitura de todo o material coletado e a localização de notícias relativas aos atletas catarinenses, sendo elaborada uma matriz analítica na qual foram registradas as referências a cada atleta local. A partir dela, elaboramos a quantificação de todos os atletas e o cálculo dos valores de área ocupada pelas matérias (em cm<sup>2</sup>) e relativos, em percentuais relacionados entre si.

Para organizar a análise, dividimos o material de pesquisa em unidades referentes a cada uma das quatro semanas de agosto e limitamos nossa abrangência aos quatro atletas mais referidos em cada um dos jornais.

Na seqüência, procedemos a uma análise de conteúdo (Bardin, s.d.), de corte qualitativo, visando identificar peculiaridades do discurso da mídia impressa a respeito dos nossos atletas, na construção de categorias gerais, em que foi possível identificar sete categorias de análise (apresentadas e discutidas adiante).

### **Alguns Aspectos da Aproximação Teórica ao Objeto de Estudo**

#### ***Rito e Mito na Modernidade***

Os rituais, segundo Rivière (1996), são eventos que se repetem com certa frequência, geralmente de modo cíclico e que de modo geral cumprem três funções principais, quais sejam: a) introduzir um elemento separado do conjunto social no grupo, abrindo ao integrado a participação na identidade coletiva, como sugere os inúmeros ritos de iniciação e de passagem que conformam a vida social; b) resolver momentos de crise ao fazer reencontrar num todo harmonioso, através de sua simbologia, as partes conflitantes ou elementos em descaixe e; c) manter a estrutura social através de eventos cíclicos que simbolizem a coesão social, o sentimento de pertença e configure a identidades individuais e coletivas.

A Modernidade é carregada de narrativas míticas e de rituais que ciclicamente respondem pela necessidade de se confirmar estes mitos e estruturar a realidade social sob o prisma concebido como moderno, entre eles um ritual importante para a sua estruturação, que são os Jogos Olímpicos.

A reinvenção dos Jogos Olímpicos no final do Séc. XIX acabou por articular a Modernidade à Grécia. Mas tal evento não ressurgiu apenas como o sonho encantado de um visionário; ao contrário, é fruto do espírito do tempo e dele carrega e amplia seus significados. A Olimpíada da era moderna é, para citar Mauss (1974), um “Fato Social Total”. Nela, cultura, política, economia, direito, história, religião, etc. se encontram formando um todo complexo, que abarca as diferentes esferas da vida social, elementos componentes de uma modernidade que, em sua velocidade e aceleração, permanece, paradoxalmente, a mesma.

Rivière (1996) chamaria os Jogos Olímpicos de um ritual profano, pois desvinculado das questões especialmente religiosas teria sua realização vinculada a interesses ligados à estruturação e organização da vida social, neste caso, em escala planetária. Nestes termos, realizado de quatro em quatro anos, sob a bandeira da paz e integração dos povos e, sob o lema *mais rápido, mais alto e mais forte*, as Olimpíadas configuram-se como um ritual moderno no qual as narrativas desta Modernidade se atualizam. Neste aspecto, os jogos funcionam como elemento simbólico catalisador de idéias modernas e aglutinam em torno de si os olhares dos sujeitos espalhados pelo globo em suas coletividades.

A seguir, apresentamos articulações possíveis entre os Jogos Olímpicos como ritual e narrativas míticas que fundam a Modernidade:

- a) A Modernidade pretende-se um discurso universalizante, logicamente a partir de um ponto de vista ocidental – inicialmente eurocêntrico e agora também americanocêntrico - e baseado na idéia de paz e confraternização entre os povos. Nestes termos, os Jogos abarcam hoje duzentos e oito países, tendo na cerimônia de abertura e durante os jogos as bandeiras dos países, os símbolos da paz e da congregação dos continentes em elos de cores representativas como epítome do evento<sup>2</sup>. Marca também o evento o discurso do jogo limpo - *fair-play*.
- b) Celebrando o mito do progresso infinito, este rito é marcado pela expectativa da quebra de recordes de força, velocidade e altura, e aponta possibilidades para que estes objetivos sejam alcançados. Aposta-se na natureza aguerrida, lutadora e vencedora do ser humano, uma natureza que nos faz transcender, vencer obstáculos, esperando-se ainda que os deuses interfiram nos resultados; mas aposta-se também na tecnociência, através do desenvolvimento do treinamento desportivo, dos equipamentos e instalações, da nutrição e de sofisticados métodos tecnológicos para a melhoria da performance, que confirme e atualize o mito.
- c) Há também um discurso moral, ligado aos valores ocidentais da justiça e da ética. O uso de substâncias ilegais, o *doping*, é a síntese ritual da moral capitalista: países ricos - em capital econômico e cultural – usam seu potencial técnico-científico para burlar as regras sem serem descobertos, algo praticamente impossível aos países em condições desiguais.
- d) Por fim, refaz-se o discurso liberal capitalista da igualdade de chances e do “que vença o melhor!”. O esporte (e as Olimpíadas em particular) reforça em nossas subjetividades o espírito individualista da contemporaneidade, caracterizado por uma profunda desigualdade social, cultural e econômica, encoberta pela idéia de que todos nascemos livres e iguais perante a lei e perante Deus. Sob o disfarce do talento, da fé e do

---

<sup>2</sup> Todavia, para que os jogos celebrassem a paz, quase dois bilhões de dólares foram gastos em **segurança!!!**

trabalho, imprime em nossas vidas o peso do fracasso, que deve ser entendido como natural e, portanto, legítimo.

Como mencionamos anteriormente, os Jogos, que acontecem em um espaço restrito, mas num tempo que poderíamos chamar de virtual, precisam, em sua lógica, atravessar as fronteiras internas de sua realização por atletas, árbitros, etc., e transformar-se em um discurso que atinja os sujeitos em seus espaços de sociabilidade. Deste modo, os meios de comunicação seriam os responsáveis por transformar os atos em narrativas, o ritual em mito e realizar as funções rituais que descrevemos, a saber: coesão, harmonia e construção e manutenção da identidade coletiva universal.

A mídia opera a relação local–universal agenciando discursos diversos, entre eles o esportivo, para tal efeito. Recorrendo ao sentimento de pertença ligado a um atleta local – preferencialmente se este é também um ídolo transnacional – provoca a identificação do local com o universal e a incorporação, em nosso caso pelo local, do discurso ideológico universalizante constituído pelo esporte olímpicamente ritualizado.

O tempo olímpico reificado é a síntese de um devir controlado, um constante movimento de necessidades criadas que projetam o futuro sobre o presente, gerando a sensação do acontecimento eterno (o “presente perpétuo”, conforme JAMENSON, 1997). As expectativas geradas, na vitória ou na derrota, não projetam ações para o futuro, mas recuam o tempo do devir para o instante simbólico construído no discurso presente.

## II. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise quantitativa compreendeu uma leitura inicial dos exemplares, para identificar matérias relativas aos Jogos, seguida da observação (se havia), nas matérias, referência a algum dos 19 atletas catarinenses que competiram em Atenas. Esse procedimento permitiu que eles fossem ranqueados a partir do número de matérias em que foram referidos, por jornal, como mostram os quadros abaixo.

**Quadro 1:** Atletas ranqueados no *Diário Catarinense (DC)*

Clas.	Nome	Apelido	Modalidade	Procedência
1	Gustavo Kuerten	Guga	Tênis	Florianópolis
2	Fernando Scherer	Xuxa	Natação	Florianópolis
3	Fabiana Beltrame	Fabi	Remo	Florianópolis
4	André Fonseca	Buchecha	Vela	Florianópolis

**Quadro 2:** Atletas ranqueados no *A Notícia (AN)*

Clas.	Nome	Apelido	Modalidade	Procedência
1	Gustavo Kuerten	Guga	Tênis	Florianópolis
2	Fernando Scherer	Xuxa	Natação	Florianópolis
3	Fabiana Beltrame	Fabi	Remo	Florianópolis
4	Alessandra Picagevicz	Ale	Marcha	Timbó, região norte de SC (Próx. A Joinville)

A decisão de analisar os quatro atletas mais referidos em cada jornal deu-se pelo fato de que os três mais citados são comuns nos dois veículos e têm expressão nacional, enquanto que somente o quarto mais referido em cada um deles eram atletas cujo reconhecimento é mais circunscrito à cidade ou região em que são editados os jornais.

A seguir, foi calculada a área total (em cm<sup>2</sup>) destinada a notícias sobre as Olimpíadas nas páginas de esporte e a área absoluta e relativa das matérias relacionadas aos catarinenses e aos quatro atletas mais referidos em cada um dos jornais (DC e AN), sendo considerado, para isso, textos, títulos e fotos, quando havia.

Os quadros 3 e 4 evidenciam, respectivamente, estes valores distribuídos por semana (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>) nos dois jornais. Vale ressaltar que a frequência relativa expressa na coluna (c), em ambos os quadros, refere-se ao percentual que (b) ocupa em relação à coluna (a); já os valores de (f), também nos dois quadros, são relativos à proporção dos valores da coluna (e) em relação a (b).

**Quadro 3:** valores relativos a área total, área dedicada aos atletas catarinenses e aos quatro mais citados no jornal *Diário Catarinense (DC)*:

Semana	(a) Área total	Área dos catarinenses		Área dos 4 mais citados		
		(b) cm	(c) %	(d) atleta	(e) cm	(f) %
1 <sup>a</sup>	9.918,00	3.322,95	33,5	Guga	1.145,70	34,48
				Xuxa	733,00	22,06
				Fabi	557,75	16,78
				Buchechea	59,00	1,78
				<b>Sub total</b>	<b>2.495,45</b>	<b>75,10</b>
2 <sup>a</sup>	44.080,00	4.945,35	11,21	Guga	1.623,50	32,83
				Xuxa	743,00	15,02
				Fabi	20,00	0,40
				Buchechea	378,00	7,64
				<b>Sub total</b>	<b>2.764,50</b>	<b>55,90</b>
3 <sup>a</sup>	61.712,00	5.949,75	9,64	Guga	784,70	13,19
				Xuxa	333,25	5,60
				Fabi	252,50	4,24
				Buchechea	1.373,00	23,08
				<b>Sub total</b>	<b>2.743,45</b>	<b>46,11</b>
4 <sup>a</sup>	44.080,00	2.944,25	6,67	Guga	18,50	0,63
				Xuxa	0,00	0,00
				Fabi	0,00	0,00
				Buchechea	2.055,00	69,80
				<b>Sub total</b>	<b>2.073,50</b>	<b>70,43</b>
<b>TOTAL</b>	<b>159.790,00</b>	<b>17.162,30</b>	<b>15,26</b>		<b>10.076,90</b>	<b>61,88</b>

**Quadro 4:** valores relativos a área total, área dedicada aos atletas catarinenses e aos quatro mais citados no jornal *A Notícia (AN)*:

Semana	(a) Área total	Área dos catarinenses		Área dos 4 mais citados		
		(b) cm	(c) %	(d) atleta	(e) cm	(f) %
1ª	34.500,00	5.215,22	15,11	Guga	4.568,50	87,60
				Xuxa	0,00	0,00
				Fabi	462,47	8,87
				Ale	18,00	0,35
				<b>Sub total</b>	<b>5.048,97</b>	<b>96,81</b>
2ª	13.500,00	3.125,86	23,15	Guga	1.857,57	59,43
				Xuxa	39,00	1,25
				Fabi	114,58	3,67
				Ale	27,00	0,86
				<b>Sub total</b>	<b>2.038,15</b>	<b>65,20</b>
3ª	18.000,00	3.227,39	17,92	Guga	1.119,29	34,68
				Xuxa	1.132,19	35,08
				Fabi	322,67	10,00
				Ale	44,78	1,39
				<b>Sub total</b>	<b>2.618,93</b>	<b>81,15</b>
4ª	16.400,00	2.526,55	15,4	Guga	391,77	15,51
				Xuxa	0,00	0,00
				Fabi	650,00	25,73
				Ale	426,78	16,89
				<b>Sub total</b>	<b>1.468,55</b>	<b>58,12</b>
<b>TOTAL</b>	<b>82.400,00</b>	<b>14.095,02</b>	<b>17,90</b>		<b>11.174,60</b>	<b>75,32</b>

A primeira constatação é que o DC dedicou quase o dobro de espaço às Olimpíadas de Atenas/2004 (159.790 cm<sup>2</sup>) do que o AN (82.400 cm<sup>2</sup>), inclusive com caderno especial encartado em 16 edições. Tal fato pode ser explicado em virtude do DC ter uma estrutura empresarial mais forte (Grupo RBS) e mais distribuída geograficamente (do RS ao DF), o que lhe proporciona incipiente circulação nacional e faz com que o jornal seja menos “local” em relação ao AN (que possui uma cobertura mais estadual).

Todavia, o percentual médio da área destinada aos atletas catarinenses é semelhante nos dois jornais (DC=15,26%; AN=17,90%). Esses dados nos mostram que a ênfase nos atletas locais não foi tão grande quando comparada aos demais atletas brasileiros. Tal fato pode ser justificado pela pequena quantidade de catarinenses olímpicos na delegação brasileira, e pela pouca representatividade midiática dos esportes praticados por estes atletas, comparado à totalidade das modalidades esportivas presentes no evento.

O percentual médio de área ocupada pelos quatro atletas mais citados, em relação à área de divulgação dos catarinenses, é maior no AN (75,32%) do que no DC (61,88%), sendo que os atletas mais referidos são de esportes individuais: tênis, natação, remo, vela e marcha. No somatório das quatro semanas, nos dois jornais, o tenista Gustavo Kuerten (Guga), um “global”, foi quem teve maior espaço (11.509,53 cm<sup>2</sup>) e maior porcentagem

em relação à área total dedicada aos atletas catarinenses (34,80 %). Mas tanto no DC, com maior ênfase, quanto no AN, sua presença decresce à medida que é eliminado do torneio (1ª semana: DC=34,48%; AN= 87,60%; 4ª semana: DC=0,63%; AN=15,51%).

Em compensação, um resultado acima das expectativas de um atleta local (o velejador André Fonseca, o Bochecha, de Florianópolis) proporcionou-lhe significativo aumento de espaço no DC: de 1,78% na 1ª semana para 68,90% na 4ª.

A exposição da atleta local Alessandra Picagevicz, da região de Joinville, no AN, também cresceu no decorrer da cobertura, embora menos, talvez por não ter obtido resultado tão significativo: variou de 0,35% na 1ª para 16,89% na 4ª semana.

De acordo com o material recolhido nas matérias jornalísticas e os procedimentos metodológicos referidos anteriormente, foi possível identificar, após a análise quantitativa dos dados, sete categorias de análise qualitativa, que foram construídas de acordo com os objetivos deste estudo. São elas:

1) *Referência ao Local*: reportagens com ênfase no fato dos atletas serem “catarinenses” e pelo estabelecimento de uma identidade com o povo “local”.

Exemplo: DC, 11/08/2004, p. 6

Manchete: A esquadra catarinense em Atenas

Linha fina: o número de representantes do Estado na Grécia será o dobro da equipe que foi para Sydney.

2) *Expectativas e Realismo*: conjunto de registros que ora geravam expectativas otimistas quanto à performance dos atletas catarinenses, ora eram mais modestas, e destacavam as dificuldades enfrentadas (oscilavam entre uma esperança, anterior às provas; e uma realidade, por meio das condições reais de disputa).

Exemplo: AN, 13/08/2004, p. 3

Manchete: Guga espera surpreender nas Olimpíadas

Exemplo: AN, 18/08/2004, p. A 16

Manchete: “Se chegar à final dos 50m livre, brigo por uma medalha”, diz Xuxa.

3) *Preparação*: categoria formada pelas reportagens que se referiam ao treinamento – físico, técnico, tático ou psicológico – e às rotinas/rituais, à cientificação, competição-treino entre outras.

Exemplo: DC, 11/08/2004, p. 4

Título: Natação

Matéria: A concentração funciona nos treinos e nas provas. O problema é que o corpo não é o mesmo. Por isso, Fernando Scherer deixou a preparação psicológica de lado e buscou novos caminhos: “eu nadava uns 14 mil metros por dia há 10 anos. Hoje, não passo de 9000. Tenho 29 anos, não dá para abusar.”

Exemplo: DC, 13/08/2004, p. 7

Título: De olho no futuro (sobre o remo, destacando Fabiana Beltrame)

Matéria: A preparação para Atenas contou com um estágio na Espanha, onde os remadores fizeram período de treinamento e aclimatação.

4) *Retrospecto*: reportagens que se referiam às conquistas e derrotas ocorridas anteriormente aos Jogos Olímpicos, colocações no ranking, entre outras informações sobre a trajetória desses atletas olímpicos.

Exemplo: AN, 10/08/2004, B 1

Título: Xuxa prioriza os 50 metros

Matéria: Scherer conquistou medalhas de bronze nos 4x100 metros livres em Sydney 2000 e nos 50 metros livres em Atlanta 1996.



5) *Ineditismo Feminino*: registros jornalísticos que destacavam o fato de Santa Catarina ter a primeira remadora brasileira em Jogos Olímpicos (Fabiana Beltrame) e a primeira mulher a representar o Brasil na marcha (Alessandra Picagevicz).

Exemplo: DC, 11/08/2004, p. 7

Título: Tradição no Remo

Matéria: Foi no remo que SC teve seus primeiros representantes em uma olimpíada, em 1952. Em Atenas, caberá a Anderson Nocetti e Fabiana Beltrame representar o país (...) No feminino, Fabiana Beltrame (skiff) já é dona de uma façanha: é a primeira remadora brasileira a chegar aos Jogos Olímpicos.

6) *Avaliando a Participação*: reportagens que justificavam as derrotas, que se referiam ao consolo, a participações honrosas, decepções e eliminações.

Exemplo: DC, 17/08/2004, p. 3

Título: Não deu para Guga

Matéria: “Não sou mais o mesmo de antes, nunca mais terei condições de fazer tanto quanto antes.” (depoimento de Gustavo Kuerten, ao se referir aos problemas físicos que enfrentou).

7) *Presente Perpétuo*: categoria formada pelas reportagens que estipulavam metas a longo prazo para os atletas catarinenses, projetando os Jogos Pan-americanos do Rio/2007 e Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

Exemplo: AN, 20/08/2004, p. A 13

Manchete: Fernando Scherer já pensa no Pan de 2007.

Exemplo: DC, 29/08/2004, p. 2

Manchete: Olhos voltados para Pequim 2008 (avaliando a participação do remo brasileiro, citando os dois catarinenses, entre eles, Fabiana Beltrame).

Tendo como base as questões de investigação, os dados quantitativos e as categorias de análise identificadas, constatamos que a mídia impressa regional se utilizou estrategicamente dos atletas catarinenses para “contar” aos seus leitores como transcorreram os Jogos em Atenas, embora o espaço destinado à eles seja pequeno em relação ao total da cobertura, os atletas mais referidos ocupam a expressiva maioria deste espaço numa espécie de personificação do evento ao público local, utilizando principalmente a figura de Gustavo Kuerten (Guga) como possibilidade inicial (pré-evento).

Apropriando-se da figura do ídolo ou de singularidades próprias dos atletas, os dois jornais abordaram o tema de forma bastante similar, inclusive em relação à área relativa atribuída, destacando-se o alto percentual concentrado em alguns atletas, em relação ao espaço total dedicado aos demais catarinenses olímpicos. Essa variação de percentuais concentrados relativo aos atletas, está relacionada à suas trajetórias na competição e às possibilidades de gerar expectativa, bons resultados e projeções de futuro.

No transcorrer do período analisado podemos perceber que o AN manteve o espaço destinado aos catarinenses de maneira mais estável, o que diferentemente aconteceu com o DC que inicialmente destinou o dobro do espaço do que o outro jornal e, nas demais semanas, teve uma diminuição significativa.

A narrativa que construiu o agendamento e a personificação do evento a ser divulgado obedeceu a seguinte estratégia: 1) inicialmente, esses ícones de identificação local eram utilizados para projetar expectativas e esperanças em um possível bom desempenho nos jogos (pré-competição), fato este reforçado pela visibilidade dada à preparação e retrospecto promissor dos atletas; 2) a cumplicidade com esses atletas foi permanentemente criada a partir de referências de suas relações com o local – sua

proximidade com a realidade/cultura do povo catarinense – que se fazia representar em um evento global, com ênfase para as atletas que representavam um pionerismo no feminino; 3) no momento posterior às suas participações no evento, justificavam-se os desempenhos dos atletas, já projetando expectativas e agendamento em futuras competições.

### III. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Do ponto de vista dos resultados propriamente ditos, podemos perceber que a mídia impressa regional tratou de forma muito bem articulada as dimensões do global e do local, associando nomes e identidades culturais da região e de SC ao maior evento esportivo do mundo e vice-versa. Em outras palavras, os Jogos de Atenas chegaram aos leitores dos dois jornais ancorados na identificação já existente com atletas regionais, ainda que disponham de reconhecimento nacional ou até mesmo internacional.

Constatamos que embora o espaço destinado aos atletas catarinenses tenha sido pequeno em relação ao total da cobertura dos Jogos Olímpicos, os atletas locais referidos ocuparam a expressiva maioria deste espaço. Apesar de nossa hipótese inicial não ter se concretizado (pois imaginávamos que o espaço destinado aos catarinenses seria bem maior em tais jornais), acreditamos que isso aconteceu em virtude do fraco desempenho dos catarinenses olímpicos, além, é claro, dos mesmos representarem poucos esportes – e com pouca visibilidade midiática ou de “baixo consumo” em nossa cultura esportiva – que não os tradicionais, como vôlei, basquete e o esporte “emergente” da Olimpíada/2004 para os brasileiros, no caso, a ginástica olímpica representada pelo “fenômeno” Daiane dos Santos.

A nomeação e seqüência das categorias emergidas do campo demonstram claramente o percurso da narrativa midiática a respeito dos atletas focalizados, passando da expectativa criada em relação a bons resultados ao seu quase desaparecimento, quando essa expectativa se revelava frustrada, mas sempre concedendo a possibilidade de um novo retorno, numa próxima oportunidade (presente perpétuo).

Cabe destacar que o esporte de alto rendimento, observado em eventos como os Jogos Olímpicos e veiculados pelos diversos agentes midiáticos, configura-se na principal referência desta dinâmica cultural denominada esporte e, por isso, povoa o imaginário social de pessoas de todas as idades, classes, gênero, etc. Assim, termina por constituir-se, também, em formador das representações sobre esporte que ocupam o campo social de atuação do professor de Educação Física, que precisa estar preparado técnica e conceitualmente para entender e interagir com tal processo em suas intervenções profissionais.

### REFERÊNCIAS:

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

BITENCOURT, Fernando G. *et al.* Ritual olímpico e os mitos da Modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/local. *Revista Pensar a Prática*. Goiânia, vol. 8, n 1, p. 21-36, jan/jun 2005.

CASTRO, Huáscar Sidorak *et al.* Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional II: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004. Reunião Anual da SBPC, 58, *Anais...* Florianópolis, 16-21/7/2006 (prelo).

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

PIRES, Giovani De Lorenzi *et al.* Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional I: alguns aspectos quantitativos da cobertura de Atenas/2004. Reunião Anual da SBPC, 58, *Anais...* Florianópolis, 16-21/7/2006 (prelo).

RIVIÈRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

**Contatos:**

Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva – LaboMídia  
Centro de Desportos/UFSC – Campus Universitário – bairro Trindade  
88.040-900 – Florianópolis/SC  
Tel. 48 3331 8615 - labomidia@cds.ufsc.br

**Apresentação:** comunicação oral - data-show